

Zuza: “Pressenti que algo histórico estava começando a acontecer”



Elis Regina no show *Trem Azul* em Belo Horizonte, 1981

No sábado 19 de setembro de 1981, dia do primeiro show no Gigantinho, Elis parecia outra pessoa. Deu ao público uma apresentação impecável, ágil, renovada, quente e afetiva. Calçava botas e a saia era uma estilização do chiripá gaúcho. Nos camarins, depois, estava alegre, abraçando as pessoas, querendo saber o que tinham achado. Levei minha filha Lis, de cinco anos, para conhecê-la. Eu estava chateado pelo público, umas 5 mil pessoas, pequeno para o ginásio. Ela nem falou disso. Pegou no colo, estalou um beijo na bochecha de Lis e me pediu desculpas pelo “baixo astral” da entrevista. “Faremos outras melhores”, prometeu.

Certo dia, chega à redação uma carta para mim, com data de 21 de setembro, postada na agência dos Correios da Rua Haddock Lobo, em São Paulo. Começava assim: “Gostei muito de ter te reencontrado. Pode crer! Achei tua filha linda. E sugiro um acordo entre famílias: guarde-a para Pedro. Rapaz simpático, louro, gente fina e com bom dote. A mãe garante! E deverá ser bom de cama, suponho. Tem bom ‘instrumental’, é cheio de doçura e meiguice e gosta de um beijo na orelha...”

Em 19 de janeiro de 1982 eu e minha filha estávamos em Garuva, cidadezinha do nordeste de Santa Catarina. Passávamos uns dias de férias na casa do padrinho dela, Jaime. À tardinha fui para o banho. Logo Jaime bate na porta. “O Jornal Nacional está noticiando a morte da Elis Regina”, disse, sobresaltado. Só acreditei vendo na TV as filas diante do caixão no palco do teatro. A morte de Elis me acentuou velhas questões íntimas sobre as propaladas objetividade e imparcialidade que o jornalista deve ter. Onde começa e onde termina cada uma? No caso de Elis, não corri à redação para fazer o “caderneiro especial”.

Para falar a verdade, ainda

não me recuperei. No início, passei um tempão sem ouvir seus discos. Vamos dizer que tenha me sentido traído por morte tão precoce. Cada vez que a ouço dar uma gargalhada, como nos discos do programa *O Fino da Bossa*, no qual, aos 20 anos, ela revolucionou a MPB, pensava nisso. Cada vez que a ouço cantar *Atrás da Porta*, *Retrato em Branco e Preto*, *Águas de Março*, *As Curvas da Estrada de Santos*, *O Bêbado e a Equilibrista*, *Como Nossos Pais*, *Tatuagem*, *Gracias a La Vida*, penso nisso.

Diziam que ela não gostava da bossa nova. Ora... A malhará porque malhara o tropicalismo. Ora... E que criticara Roberto Carlos e depois o gravara. Ora... Quanto tempo se perdeu acentuando suas contradições, em vez de acentuar que era genial exatamente por ser contraditória, inconstante, inquietada, inconformista, iconoclasta, mutante, e que por tudo isso, mais aquela voz, e o bom-gosto, e a atitude, nunca houve outra igual. O saudoso jornalista Zuza Homem de Mello (1933-2020), que era técnico de som n’*O Fino da Bossa*, diz que na tarde da estreia, 17 de maio de 1965, resolveu que iria gravar o programa e guardar as fitas.

“Tive o pressentimento de que algo histórico estava começando a acontecer na nossa música”, lembra Zuza. Quando a ouviu ao lado de mestres como Caymmi, Adoniran, Ciro Monteiro, Ataulfo Alves, entrevistando-os e cantando com eles como se fosse a coisa mais natural do mundo para uma garota de 20 anos, recém-chegada do Rio Grande do Sul, Zuza ficou tão impressionado que só encontrou uma comparação: “Pensei em

quando assisti ao surgimento de Pelé”.

E sobre a gargalhada de Elis, o que me dizem? Ela entrevistando Adoniran Barbosa n’*O Fino*. Ele conta aquelas histórias e ela morre de rir. Ele anuncia que vai cantar a música *Um Samba no Bexiga*. Ela pergunta: “O que é Bexiga?”. Risadas gerais no auditório. Ela justifica: “Eu não sou daqui, tenho direito de querer saber”. Claro, chegara a São Paulo dias antes, depois de um ano de “escala” no Rio, onde era considerada meio estrangeira. “O gaúcho é menos dotado de escudos”, comentou, bem mais tarde, em Porto Alegre. “Nossas frases são mais secas, mais incisivas. Eu tive muitas dificuldades por ser daqui. Muitas vezes não fui bem compreendida.”

Na última entrevista, me

to Gonçalves, uns muros de pedras empilhadas, umas águas que passavam no meio da relva, essas coisas. Eu gosto muito do Rio Grande do Sul, embora aqui também tenha muita coisa de que não gosto.”

Mas a viagem foi outra, exatamente quatro meses depois do último show em Porto Alegre. E volta e meia eu releio a carta que me mandou. Continuava: “Vê se a gente encontra um espaço pra se escrever ou telefonar. Vamos parar com essa besteira de que o país é imenso, que quase sempre estamos ocupados e que bom mesmo é um canto silencioso, alguns livros, discos e nada mais... O ser humano nasceu pra tribo, pra troca, pra convivência, pruns abraços, pruns carinhos e pra gostosura de estar sempre no meio de gen-

ARTE DE ALEXANDER DESMOUCEAUX SOBRE FOTO DE JUAREZ FONSECA/ESPECIAL/JC

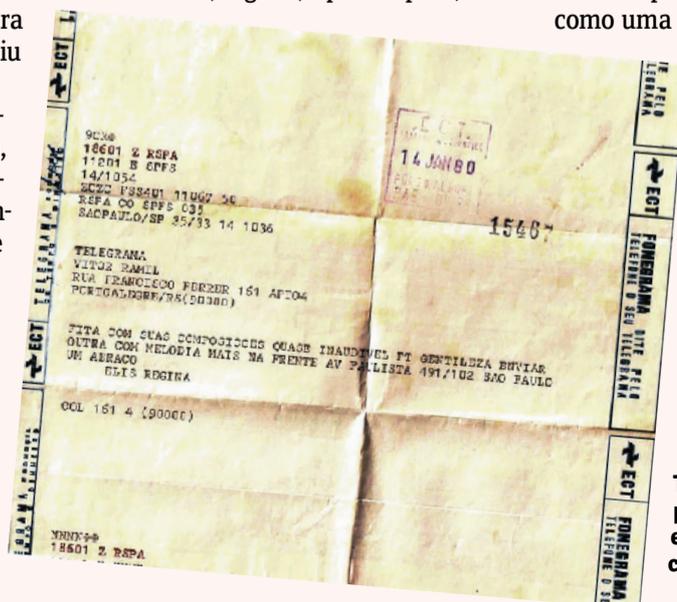


Foto envelhecida por Alexander Desmouceaux, técnico em efeitos visuais, por intermédio de Carlos Gerbase

disse que sonhava com umas férias viajando de trailer pelo interior do Rio Grande do Sul. “Quero ver uns buracos por onde andei cantando algumas vezes na vida e dos quais tenho imagens guardadas da cabeça. Tomara que não tenham mexido muito nesses lugares, mas é provável que eles também tenham dançado.” Que lugares? “Ah, alguns, tipo Guaporé, Ben-

te semelhante e/ou amiga. O resto é mentira inventada pelo capitalista pra forçar isolamento, concentração no trabalho e abstração do prazer de viver a vida plena. (...) Até qualquer hora, prum abraço e um olho no olho. Até sempre. Elis.”

E eu não respondi à carta. Tive quatro meses para fazer isso e não fiz. Mas já não sinto tanta culpa. Penso em Elis hoje como uma irmã, ou como uma deusa da música. E como uma avó que estaria levando os netos para o palco com ela, cobrando empenho deles...



Telegrama de Elis para Vítor Ramil: ela cogitava gravar compositores gaúchos

Na memória de Ary Rego, que a revelou

“Eu e o Rui Silva, pianista do Clube do Guri, estávamos ensaiando quando a Elis apareceu. No início era só mais uma, entre as 400, 500 crianças e adolescentes que passavam pelo programa. Durante uns meses ela se apresentou com alguma frequência. Mas demorou cerca de um ano para se tornar um destaque. E foi com muito trabalho: era a que mais ensaiava, a mais exigente. Até na escola era a mais atuante e participativa. Minha esposa, que foi sua professora na Escola Dom Diogo de Souza, dizia-me que as redações dela eram lindas, sempre tirava notas altas. Tinha uma personalidade muito forte. Aliás, para sair da província com 18 anos e se tornar uma grande estrela, tem que ter mesmo.”

Ary Rêgo (1918-2007) foi o apresentador, na Rádio Farroupilha, nos anos 1950/60, do programa *Clube do Guri*, onde Elis começou a cantar. Depoimento dado em 2002.

Livros sobre Elis

- ▶ **Elis Regina**, de Zeca Kiechaloski (Coleção “Esses Gaúchos”, Editora Tchê/RBS, 1985)
- ▶ **Furacão Elis**, de Regina Etcheverria (Editora Nórdica, 1985; edição revista e ampliada, Editora Globo, 1994)
- ▶ **O Melhor de Elis Regina – Melodias cifradas para guitarra, violão e teclados**, de Luciano Alves (Editora Irmãos Vitale, 2000)
- ▶ **Elis Regina por Ela Mesma** – Livro-clipping de Osny Arashiro (org), (Editora Martin Claret, 2004)
- ▶ **Elis Regina – Nada Será Como Antes**, de Julio Maria (Editora Master Books, 2015; edição revista, atualizada e ampliada, Companhia das Letras, 2025)
- ▶ **Elis – Uma biografia musical**, de Arthur de Faria (Arquipélago Editora, 2015)
- ▶ **Elis e Eu – 11 anos, 6 meses e 19 dias com minha mãe**, de João Marcelo Bôscoli (Editora Planeta, 2019)



Juarez Fonseca é jornalista militante na área da Cultura, especialmente a música, com 50 anos de carreira.